

#141

SEU
DINHEIRO

247

A SUA REVISTA DE FINANÇAS PESSOAIS

LUCRE COM A SELEÇÃO

*Franquias com materias do escrete
canarinho a partir de R\$ 20 mil*

**CADÊ MEU
IMPOSTO?**
RETORNO AO
CIDADÃO NO
BRASIL É O PIOR DO
MUNDO

**NÃO SE ILUDA
COM ELETROBRÁS**
APESAR DOS
DIVIDENDOS,
RETORNO AINDA É
BAIXO

**NA LANTERNA
DA BOVESPA**
CONHEÇA AS CINCO
AÇÕES MAIS PUNIDAS
APÓS A SAFRA DE
RESULTADOS

**POUPANÇA
VERSUS FUNDOS**
ALTA DA
SELIC TORNA
CADERNETA
MENOS ATRATIVA

OFERECIMENTO:
CAIXA
SEGUROS

LUCRE COM A SELEÇÃO

*Franquias com
materias do escrete
canarinho a partir
de R\$ 20 mil*



Do Infomoney

A Nike, em parceria com SPR Sports, empresa especializada em franquias e licenciamentos esportivos, vai lançar uma rede de lojas oficiais da CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

A SPR Sports será a master franquía da CBF e será responsável por produzir produtos exclusivos. As lojas comercializarão produtos unbranded, oficiais e exclusivos da Seleção Brasileira.

O sistema de franquias será dividido em três opções: lojas, quiosques e corners. A parceria está firmada, inicialmente, pelo período de dez anos. “Já iniciamos o processo de seleção de nossos parceiros comerciais para operação das lojas CBF. Os interessados devem se cadastrar no site da empresa (www.sprfranquias.com.br)”, disse o diretor de franquias da SPR Sports, André Giglio.

Aqueles que adquirirão uma franquía até junho terão isenção na taxa de franquía, que é em torno de R\$ 30 mil

sprfranquias.com.br)”, disse o diretor de franquias da SPR Sports, André Giglio.

Investimentos

Em relação aos investimentos totais, os corners irão custar a partir de R\$ 20 mil. Já os quiosques e as lojas, a partir de R\$ 30 mil e R\$ 100mil, respectivamente. Aqueles que adquirirão uma franquía até junho terão isenção na taxa de franquía, que é em torno de R\$ 30 mil, dependendo do modelo.



**LOJA
SELEÇÃO**



**LOJA
SELEÇÃO**



**LOJA
SELEÇÃO**



CADÊ MEU IMPOSTO?

Retorno ao cidadão no Brasil é o pior do mundo



Wellton Máximo
Repórter da Agência Brasil

Pelo quinto ano seguido, o Brasil ficou na última posição do ranking de retorno de tributos à população. Segundo estudo divulgado no dia 3 pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), o país é o que menos retorna serviços públicos de qualidade em relação a impostos, contribuições e taxas arrecadadas.

O levantamento comparou 30 países e verificou o bem-estar da população, medido pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em relação à carga tributária – proporção dos tributos sobre o Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas produzidas no país). O Brasil ficou em 30º, atrás de vizinhos como Uruguai (13º) e Argentina (24º).

Os dados sobre a carga

No Brasil, a carga tributária correspondeu a **36,27%** do PIB em 2012

tributária são da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e o ranking do IDH é das Nações Unidas, que trabalharam, nos dois casos, sobre números de 2012, que são os mais recentes.

Estados Unidos, Austrália e Coreia do Sul ocuparam as primeiras colocações, sem mudança em relação ao ranking anterior. As maiores variações foram registradas pelo Japão, que caiu de quarto para sexto, e Bélgica, que saltou de 25º para oitavo, porque reduziu a carga tributária de 44% para 30% do PIB e manteve a qualidade dos serviços públicos.

No Brasil, a carga tributária correspondeu a 36,27% do PIB em 2012, segundo o IBPT. O número é superior aos dados oficiais da Receita Federal – 35,85% em 2012 – porque o IBPT considera o pagamento de juros, multas, correções e custas judiciais de dívidas de contribuintes com o setor público. A carga tributária de 2013 só será divulgada no fim de 2014.

De acordo com o IBPT, o indicador de retorno equivale à média ponderada entre a carga tributária e o IDH de cada país. O instituto atribuiu peso de 15% para a carga tributária e 85% para o IDH. Para o instituto, o Brasil só melhorará no ranking se aplicar os recursos pagos pelos contribuintes com mais eficiência. Por meio da assessoria de imprensa, a Receita Federal informou que não comentará o estudo.



NÃO SE ILUDA COM ELETROBRÁS

Apesar dos dividendos, retorno ainda é baixo



Duas notícias nada positivas foram divulgadas na semana passada sobre a Eletrobras (ELET3; ELET6). Uma, divulgada pela Folha de S. Paulo, aponta que a empresa vai precisar recorrer ao governo para tentar reequilibrar seu caixa nos próximos anos, enquanto a outra, feita pelo Valor, indica que a elétrica perdeu R\$ 19 bilhões com renovação de concessões. Notícias, que segundo a XP Investimentos, só reforçam a visão negativa sobre a empresa e o sério risco que a Eletrobras apresenta atualmente.

Em meio a esse cenário complicado da companhia, a corretora faz uma ressalva: “é importante que o investidor pessoa física se conscientize que os dividendos recentes não refletem a dura realidade da empresa”. A companhia anunciou, no final de março, o pagamento de dividendos de R\$ 1,63 por ação preferencial classe B (ELET6), o que dá um rendimento de 13,8% sobre as cotações atuais. E é nesse ponto que a conta não fecha. Como a empresa que encerrou 2013 com um prejuízo de R\$ 6,3 bilhões vai pagar um dividendos dessa magnitude? A casa de research Empiricus já apontava no mês passado que “não trata-se de um nível de dividendos sustentável”.

Apesar das perdas dos últimos dois anos (lembrando que, em 2012, o prejuízo foi de R\$ 6,9 bilhões), o diretor financeiro da empresa, Armando Casado, mostrou-se otimista com o resultado da companhia este ano e previu retorno ao lucro. Para o executivo, o prejuízo decorreu sobretudo de “efeitos não recorrentes”. Entretanto, o próprio conselheiro da Eletrobras, Marcelo Gasparino, apontou que a Eletrobras precisará ser capitalizada ainda este ano para sobreviver e num montante de R\$ 10 bilhões, ou seja, uma situação nada confortável diante da magnitude da proposta de dividendos a ser pago aos acionistas.

“Esta folga financeira, que a companhia não teve, somada a

inércia natural de uma estatal do porte da Eletrobras, levou à situação de inviabilidade econômica-financeira caso não ocorra expressivo aporte de capital”, afirmaram conselheiros em reclamação formal contra à administração e à controladora da Eletrobras, a União, na CVM (Comissão de Valores Mobiliários).

Em vez de amargar um prejuízo de R\$ 6,3 bilhões em 2013, a Eletrobras poderia ter ganho uma receita extra de R\$ 19 bilhões no ano passado se a companhia não tivesse aderido à proposta de prorrogação antecipada das concessões de geração e transmissão, e se beneficiado do preço elevado da energia no mercado de curto prazo no período, segundo cálculos dos conselheiros, publicado hoje pelo Valor.

Para a XP, fica claro que a aceitação da renovação de concessões nos moldes propostos só reforçam o caráter político das decisões que são tomadas dentro da empresa e que a estão levando a uma situação crítica com alto endividamento, fraco resultado operacional e o imperativo de elevados dispêndios em investimentos.

**É importante que o investidor
pessoa física se conscientize que os
dividendos recentes não refletem a
dura realidade
da empresa**

NA LANTERNA DA BOVESPA

*Conheça as cinco ações mais
punidas após a safra de resultados*



A temporada de divulgação dos resultados de 2013 praticamente chegou ao fim e já tivemos recordes bastante negativos, como é o caso da OGP Participações - antiga OGX Petróleo (OGXP3) -, que com prejuízo de mais de R\$ 17 bilhões teve a maior perda anual de uma empresa brasileira desde 1986, além de ter tido o maior prejuízo dentre todas as companhias de capital aberto da América Latina e EUA em 2013.

Apesar disso, alguns balanços divulgados podem ter sido ainda piores do que a deficitária petrolífera de Eike Batista, se levarmos em conta um importante “indicador” de avaliação dos resultados trimestrais: a reação do preço das ações destas empresas no pregão pós-divulgação dos números.

O momento marcado por frustrações e surpresas dos investidores pode trazer grandes efeitos no desempenho das ações da Bovespa, tendo em vista a resposta imediata - e muitas vezes exacerbada - dos operadores. Resultados que desanimam o mercado podem ser capazes de jogar por terra todas as altas de uma ação por longos dias em um único pregão, da mesma forma que o inverso pode ocorrer.

O InfoMoney selecionou as 5 empresas que mais foram punidas pelos investidores na Bolsa após a divulgação dos balanços referentes ao exercício de 2013. Confira:

MRV Engenharia

Única representante do Ibovespa no “top 5”, a MRV Engenharia (MRVE3) viu suas ações despencarem 12,50% no dia 14 de março, fechando a R\$ 7,35, após a empresa apresentar números bem abaixo do que o esperado pelo mercado no balanço do 4º trimestre de 2013 - entre outubro e dezembro, a companhia viu sua receita, Ebitda e lucro cair na comparação com o mesmo

trimestre de 2012. Além disso, os analistas ressaltaram como preocupação o ROE (Retorno sobre Patrimônio Líquido) da empresa de 10,6%.

A MRV teve lucro líquido de R\$ 72 milhões no 4º tri, ante R\$ 115 milhões um ano antes. A média das estimativas de analistas apontava para lucro de R\$ 129,5 milhões. A receita líquida teve leve alta de 1,4% no mesmo período, acompanhando o aumento de 1% das vendas no período. O Ebitda foi de R\$ 133 milhões, 18,9% inferior ao resultado apurado um ano antes. A margem Ebitda (Ebitda/Receita Líquida) foi de 14%, com recuo anual de 3,5 pontos percentuais.

O maior número de distratos no período contribuiu para os fracos números apresentados pela construtora - o montante somou R\$ 295,9 milhões nos três últimos meses de 2013, 11,4% acima dos cancelamentos no 3º trimestre. “O ano de 2013 foi marcado por uma elevação no nível de distratos da companhia, que deverá perdurar também em 2014”, disse a MRV no seu relatório de resultados.

Saraiva

Apesar de ter visto sua receita líquida atingir R\$ 736,2 no último trimestre de 2013, mostrando crescimento de 20% em com-

Resultados que desanimam o mercado podem jogar por terra todas as altas de uma ação por longos dias em um **Único pregão**

Ações

paração com o mesmo período do ano anterior, a Saraiva registrou uma queda de lucro de 74% no mesmo período, para R\$ 12 milhões. Com isso, no pregão seguinte à divulgação do balanço (21 de março), suas ações (SLED4) caíram 15,71%, em reflexo à interpretação do mercado de que os números não foram nada bons. No dia seguinte, novas perdas, de 4,13%, levando a desvalorização acumulada em 2014 para quase 40% - os papéis chegaram a valer R\$ 15,50, seu menor patamar desde maio de 2009.

Para a equipe da XP Investimentos, a parte de varejo da Saraiva apresentou bons crescimentos de receita, mas perdeu margens por conta de aumento de despesas de pessoal e logística, enquanto o segmento da editora apresentou fraco desempenho mesmo considerando o atual processo de reestruturação e natural aumento de despesas.

“Apesar de ser um período de reestruturação, devemos ficar atentos se a Editora já começará a apresentar alguma melhora de margem nos próximos trimestres, e acompanhar como a parte de Varejo se comporta, dado que apesar das receitas continuarem crescendo bem, a empresa deixou a desejar na margem da operação”, afirmaram em relatório.

Brasil Pharma

Outra a sofrer com a temporada de resultados foi a Brasil Pharma (BPHA3), que viu suas ações despencarem 11,39% no pregão que seguiu a divulgação da reversão de lucro para prejuízo no último balanço, fechando a R\$ 3,89. Vale destacar ainda que os papéis da companhia já haviam registrado queda de 6,99% um dia antes da prestação de contas de dados trimestrais ao mercado - o balanço saiu na noite do dia 26 de março. Os papéis seguiram em tendência de queda em abril, valendo atualmente R\$ 3,67 (fechamento da última quinta-feira, 3).



A Brasil Pharma teve prejuízo líquido ajustado de R\$ 38,98 milhões no quarto trimestre de 2013, revertendo assim o lucro líquido de R\$ 8,847 milhões do mesmo período do ano anterior - o resultado foi ajustado para expurgar os efeitos das despesas e receitas não-recorrentes, despesas com plano de opção de compra de ações e efeito de amortização de intangíveis. Sem o ajuste, o prejuízo no período seria de R\$ 188,246 milhões. Já o Ebitda da companhia, recuou 63% no quarto trimestre, para R\$ 16,059 milhões, enquanto a receita líquida foi de R\$ 893,71 milhões no trimestre, alta de 13,73%.

“O aumento do nível de alavancagem no ano passado e desentendimentos internos entre a diretoria da BR Pharma e os controladores das empresas adquiridas, têm dificultado cada vez mais os ganhos de sinergia da operação e refletido na performance das ações desde o ano passado”, afirmaram os analistas da XP Investimentos em relatório, completando que o pessimismo do mercado com relação à empresa continua.

Forjas Taurus

A Forjas Taurus (FJTA4) registrou receita líquida de R\$ 156,1 milhões no quarto trimestre do ano passado, queda de 20% na comparação com o mesmo período de 2012, e prejuízo líquido de R\$ 70,2 milhões, frente perdas de R\$ 23 milhões anteriormente. No pregão seguinte à divulgação do balanço, dia 31 de março, as ações da companhia caíram 11,18%, indo a R\$ 1,51.

De acordo com a XP Investimentos, o resultado foi fraco e influenciado principalmente pelo aumento de concorrência no mercado americano aliado a dificuldade de repasse de aumento de custos. Junto a isso, a empresa segue envolta num denso processo de reestruturação de operações que acarreta entre outras coisas em maiores despesas operacionais no curto prazo e



Ações

os benefícios tendem a serem sentidos somente no longo prazo, comentaram os analistas.

Se a reação do mercado diz que o resultado foi negativo, a avaliação de um dos maiores bilionários da Bovespa é diferente. Em conversa via email com o InfoMoney, Luiz Barsi Filho disse que aproveitou as quedas da Forjas Taurus para reforçar a participação da fabricante de armas em sua carteira. Barsi lembra que a velha fórmula de sucesso na bolsa para justificar sua atitude: comprar nas quedas para vender na alta.

BR Insurance

A última empresa da lista teve o desempenho mais impressionante após a divulgação do balanço. A BR Insurance (BRIN3) viu suas ações despencarem impressionantes 30,21% no mesmo dia 31 de março da Forjas Taurus, fechando a R\$ 11,42. No dia seguinte, mais quedas: 4,05%, indo a R\$ 10,96 - pior fechamento em toda sua história na Bolsa, iniciada em novembro de 2010.

O resultado, segundo a empresa, foi impactado pelo cancelamento de apólices de seguros que foram descontinuadas pelo segurado após a sua contratação, devido à inexistência de necessidade da cobertura contratada. Embora a receita cresceu 12,9% entre o 4º trimestre de 2012 e de 2013, para R\$ 257,8 milhões, o lucro líquido contábil atingiu R\$ 13,9 milhões no trimestre, queda de 58,5% na mesma base de comparação. O recuo tem como base a elevação das despesas administrativas, provisão para perdas em recebíveis, assim como pelo crescimento de cancelamentos de apólices.



POUPANÇA VERSUS FUNDOS

*Alta da Selic torna poupança menos
atraente que fundos de investimento*



Wellton Máximo
Repórter da Agência Brasil

A elevação da taxa Selic (juros básicos da economia) para 11% ao ano continua a desestimular quem guarda dinheiro na poupança. De acordo com levantamento da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), a alta dos juros básicos tornou mais atrativos os fundos de investimento, apesar de a poupança não pagar impostos nem taxas de administração.

Segundo a Anefac, apenas nos casos em que os fundos de investimento cobram altas taxas de administração, a partir de 3% ao ano, a poupança torna-se mais vantajosa. Para taxas de 2,5% ao ano, a caderneta só rende mais que os fundos em aplicações de até um ano. Para taxas inferiores a 2,5%, os fundos são mais rentáveis em todas as situações.

Apesar da
desvantagem
em relação
aos fundos de
investimento,
a poupança
continua
rendendo
mais
que a inflação
para 2014

Pelas simulações da Anefac, com o novo nível da taxa Selic, uma aplicação de R\$ 10 mil na poupança rende 6,55% ao ano, o que representa rendimento de R\$ 655 ao fim de 12 meses. No mesmo prazo, a quantia rende de R\$ 693 (com taxa de administração de 2% ao ano) a R\$ 834 (com taxa de administração de 0,5% ao ano) aplicada em fundos de investimento.

Pela regra atual, quando a taxa Selic está maior que 8,5% ao ano, a poupança rende 0,5% ao mês (6,17% ao ano) mais a taxa referencial (TR), tipo de taxa variável. Essa fórmula está em vigor desde agosto do ano passado, quando a Selic foi reajustada para 9% ao ano. Quando os juros básicos da economia estão iguais ou inferiores a 8,5% ao ano, a caderneta rende 70% da taxa Selic mais a TR.

A fórmula só vale para o dinheiro depositado na poupança a partir de 4 de maio de 2012. Para os depósitos anteriores, o rendimento segue a regra antiga, de 0,5% ao mês mais a TR. Os demais direitos de quem aplica na caderneta foram mantidos, como a isenção de taxa de administração e de impostos.

Apesar da desvantagem em relação aos fundos de investimento, a poupança continua rendendo mais que a inflação esperada para 2014. De acordo com o Boletim Focus, pesquisa com instituições financeiras divulgada toda semana pelo Banco Central, a inflação oficial pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) deverá fechar o ano em 6,3%.